

## A Esfinge e a Representação da Realidade Brasileira

### The social Representation in *A Esfinge*

Seleste Michels da Rosa\*

**RESUMO:** Esse ensaio mostra como as pequenas modificações sociais ocorridas até 1911 são representadas através da literatura no romance a esfinge de afrânio peixoto, best-seller da época. queremos, com disso, mostrar a importância do romance, esquecido pela historiografia literária brasileira, que é um dos primeiros a comentar e colocar dentro da solução central do enredo a possibilidade de um segundo casamento, dentro do Brasil, por meio da igreja metodista, na sociedade brasileira até então estritamente católica. E também um dos primeiros a mostrar a relação direta do trabalho com a obtenção de sustento, relação bastante inusitada na literatura brasileira. através de um personagem artista oriundo da oligarquia rural que vê de repente a herança paterna acabar e se vê assim obrigado a trabalhar para sustentar uma mulher que é sua grande paixão, mas que tem hábitos de elite assim como ele, o livro adianta um pouco do que será a sociedade após as grandes guerras, quando o modo americano de viver tomará conta do brasil modificando a nossa maneira de agir e pensar como sociedade, por isso é notável a sensibilidade artística que antevê as modificações sociais a que seremos submetidos anos depois, como a maior liberdade na área sentimental e maiores restrições na área do trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mudança Social, Elite Rural, Burguesia Urbana, Romance E Sociedade Brasileira.

**ABSTRACT:** this essay shows as the small occurred social modifications up to 1911 are represented through literature in the romance a esfinge of afrânio peixoto, bestseller of the time. we want, with of this, to strict show the importance of the romance, forgotten for the history of brazilian literature, that is one of the first ones to inside comment and to put in the central solution of the plot the possibility a second marriage, inside of Brazil, through the methodist church, in the brazilian society until then catholic. End also one of the first ones to show the direct relation of the work with the sustenance attainment, unusual relation in brazilian literature. through a artist personage deriving of the agricultural oligarchy that perceives suddenly the paternal legacy to finish and if thus sees obliged to work to support a woman who is his great passion, but that she has habits of the elite as well as his, the book advances a little of what it will be the society after the great wars, when the american way of life will take account of brazil modifying our way to act and to think as society, therefore the artistic sensitivity is notable that foresees the social modifications the one that we will be submitted years later, as the greater freedom in the sentimental area and greater restrictions in the area of the work.

---

\* Formada em Letras (UFRGS), especialista em Literatura Brasileira (PUCRS) e Mestranda em Literatura Brasileira (UFRGS) com bolsa do CNPQ.

**KEY- WORDS:** Social Change, The Agricultural Elite, Urban Bourgeoisie, Romance And Brazilian Society.

O romance *A esfinge* de Afrânio Peixoto traz muitas observações e relatos sobre a política e a vida social no Brasil e dos brasileiros no mundo. Apesar de ser um de nossos romances menores ele retrata as miudezas da vida burguesa carioca, o andamento de seus pequenos romances e em seu fechamento a reconfiguração social a partir da possibilidade do segundo casamento, conforme alguns a mais burguesa das instituições, e principalmente mostrando como as mudanças sociais se deram no âmbito privado. Podemos perceber a mudança no estilo de vida do país dentro dos personagens, a partir da vida deles; como a mudança da burguesia rural para uma burguesia totalmente urbana, com sede e trabalho na cidade.

A escolha desse livro apesar de seu esquecimento pela história literária se deu por ele apontar para a transformação de nossa burguesia rural em urbana, digamos assim, auto-sustentável, porque até então nossa burguesia urbana ainda era sustentada exclusivamente pelos lucros da fazenda. Em 1911, quando o livro foi lançado, a Europa ainda não estava em guerra, portanto ainda não entrara em colapso; logo os EUA ainda não tinham crescido da maneira que cresceriam com a guerra; sendo assim o modo de vida americano que começa a se esboçar não está tão óbvio quanto pode parecer hoje em dia; a percepção dessa alteração é sinal da sensibilidade artística desse autor que é capaz de notar as modificações sociais, mas não é capaz de desenvolvê-las, por isso o romance termina abruptamente justamente quando Paulo e Lúcia se casam e Paulo começa a trabalhar.

Apesar de o estilo narrativo ser um pouco enfadonho; nem sempre se concentrando na trama, entrando muitas vezes em vagas filosofias, outras vezes dando-nos a sensação de estar querendo demonstrar erudição; o livro consegue fazer com que mantenhamos a atenção, principalmente após o primeiro casamento de Lúcia, não é por acaso que foi um best-seller de sua época. Do casamento católico de Lúcia em diante os fatos se precipitam, o livro parece querer acabar, apesar da volta que o protagonista faz, voltando para o interior e se afastando do romance central do livro, a narrativa é mais rápida, desaparecem as divagações e o livro parece ter sido acabado às pressas. Quanto ao fechamento do enredo, com certeza poderia estar mais bem descrito, tendo em vista que o final é rapidamente contando por um dos amigos de Paulo sem qualquer descrição ou

narração, a narrativa fica semelhante a um resumo onde só as ações principais são mencionadas. Por exemplo, ao final do capítulo VIII da última parte, Paulo encontra Lúcia na frente de sua casa após um desentendimento, depois disso o casal não figura mais diretamente no romance e seu destino só volta a ser mencionado na última página da seguinte forma.

- Estive hoje pela manhã no atelier. Paulo trabalhava, sem amor e sem vagar, num busto para que pousava um sujeito. Era o contratante das carnes verdes. Enquanto esperava que acabasse, para falar-lhe, atentei tudo aí. Aqueles belos sonhos, que lhe conhecemos, estavam acordados e dispersos, miseravelmente. Sobre as maquetas prontas caíra a pátina sombria da poeira; os esboços de barro se escondiam sob panos molhados a tristeza do trabalho interrompido... Quando terminou e o homem partiu, olhou com desgosto a própria obra apressada, e disse-me: entretanto é isso que dá para viver... Depois falou-me de Lúcia, repetiu-me que era feliz, contou-me que ia casar numa igreja Metodista qualquer, a fim de regularizar uma união que a sociedade não toleraria de outro modo... Tinha-se dado todo ao trabalho de recuperar o tempo perdido e criar uma situação confortável digna da mulher... (PEIXOTO, 1978. p.198).

Após esta observação feita pelo amigo de Paulo, que toma a narração nas últimas páginas, acaba-se o livro com este fazendo observações amargas a respeito do destino de Paulo. Contudo não é possível saber se Paulo está satisfeito, o protagonista afirma que está, todavia o narrador das páginas finais não acredita, vê nele um artista frustrado. Afinal, Paulo nunca poderia ter tudo o que queria, pois seus desejos eram excludentes. Ele só teria a paixão, se não tivesse Lúcia, com ela sua preocupação se voltaria toda ao seu bem estar. Sendo assim, o livro termina apressado e temos o pensamento de Paulo, antes tão acessível, negado ao leitor, ou visto de maneira muito mais opaca do que no início do livro. Isso dá ao leitor a sensação de uma mudança de narrador e conseqüentemente de estilo narrativo, mas não fica clara a intencionalidade desse efeito, o narrador não comenta sua mudança de atitude em relação ao texto. Nos primeiros capítulos é claro um narrador heterodiegético<sup>1</sup>, ou seja, que não está envolvido no ambiente da narrativa, e no fim, muda-se para um narrador homodiegético, i.e., um narrador que está no ambiente da narração, e portanto, tem uma posição em relação a ela, mas não é o objeto dessa narração, assim como o amigo

<sup>1</sup> Conforme REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

de Paulo que conclui o enredo. Estando envolvido pessoalmente na trama, se torna mais provável que ele cometa imprecisões, por isso sua visão da insatisfação do protagonista não deve ser entendida como a única possível.

Ainda temos falhas primárias como o esquecimento de um personagem que a princípio parecia importante: Miss Joice; aparece bem delineada nas primeiras cenas e isso aponta para um papel de importância na história, mas quando o casal começa a sair mais seguidamente, ela desaparece e terminamos o livro sem saber seu destino, nem porque ela não interessou mais a trama. Não obstante esses detalhes estilísticos o livro aborda a transformação social que se esboça nesse momento interiorizada no protagonista, creio que isso é uma importante qualidade na obra, apesar de se manifestar exclusivamente na última página.

Paulo é um artista que pretende se dedicar a grande arte, a arte de vanguarda e imaginativa, enquanto está fazendo um curso de formação na Europa, recebe um pedido de seu tio para receber Lúcia, sua prima, que está indo conhecer a Europa junto com sua acompanhante Miss Joice. Os dois se conhecem, pois nunca tinha se encontrado depois de adultos, e começam um romance platônico, na visão de Paulo, que é a única que nos é dada pelo narrador em terceira pessoa. Voltam ao Brasil e continuam se vendo todos os dias apesar da desatenção com que Lúcia trata Paulo desde que chegaram a seu grupo de amigos sediado no Rio de Janeiro e em Petrópolis. Paulo a acompanha em todas as festas em Petrópolis, até que o pai da moça lhe chame a atenção para as obrigações que o moço deixou a fim de acompanhar Lúcia. O pai de Lúcia é um homem extremamente prático e adverte Paulo de seu desleixo para com o trabalho; Paulo entende que seu tio quer que ele tenha uma maneira de sustentar Lúcia com dignidade, por isso volta feliz ao Rio de Janeiro a fim de montar seu atelier.

Enquanto Paulo está Rio, Lúcia fica noiva de um político promissor que será ministro: o Câmara. Paulo fica totalmente desapontado com o comportamento da moça, já que se julgava comprometido com ela, por isso volta ao interior em busca de suas origens, não as encontra da maneira como esperava, e volta ao Rio. No auge de sua indignação compõe sua obra-prima: a Paixão. Quando decide expô-la apesar de não estar totalmente pronta, Lúcia aparece na exposição e ele fica sabendo que ela deixou o marido, ela se reconhece na estátua e os dois acabam por se reconciliar e começam um romance; Paulo

abandona sua arte para sustentá-la e os dois se casarão em breve numa igreja metodista qualquer.

O estilo das primeiras páginas nos faz crer que temos diante de nós mais um romance previsível, no estilo de Macedinho, mas a partir do casamento de Lúcia percebemos que este romance é de outra espécie, o desfecho esperado não é mais possível, pois o casamento dos protagonistas já não é possível a não ser por um Deus ex-machina, como a morte do marido do marido de Lúcia ou um casamento de outra espécie entre os dois. O autor opta por nos mostrar uma estrutura social já modificada, diferente da sociedade representada por Macedo, e mais tarde Alencar. Lúcia não é uma mocinha idílica, apesar de Paulo vê-la assim e como o ponto de vista privilegiado no livro é o de Paulo a temos desenhada desta maneira no início do livro; mas desde que sua atitude vai totalmente de encontro à expectativa de Paulo começamos a desconfiar da descrição mostrada até então. Lúcia é uma mulher prática, se mostra na vida em sociedade a fim de encontrar um marido que lhe permita manter seu padrão econômico de vida, mantém diversos pretendentes presos a ela sem se prender a nenhum até que surge uma proposta concreta de casamento. Paulo não queria conspurcar seu amor com palavras, por isso nunca havia revelado seu amor a Lúcia; ao receber uma boa proposta de casamento Lúcia aceita, visto que não tem nenhum compromisso concreto com Paulo e é aconselhada a isso por seu pai; contudo Lúcia ainda quer encontrar o amor, sobrou nela um resquício daquela antiga conformação descrita pelos romances românticos, por isso deixa o marido que não a ama; ou ela o deixa por que ele não “funcionou” como deveria já que não se tornou ministro. São dúvidas que pairam sobre o comportamento nunca totalmente desvendado de Lúcia. Aliás, o título do livro aponta para um mistério, um enigma; o que é o enigma é também um enigma dentro do livro, pois o entrosamento dos dois dentro da sociedade é uma dificuldade para ambos, essa sociedade que impõe padrões indefinidos e indecifráveis poderia ser o enigma em questão; ou Lúcia com suas atitudes aparentemente contraditórias para o leitor que não tem acesso ao seu pensamento, essa estratégia narrativa garante a manutenção da dúvida sobre as motivações de Lúcia.

Este romance inova em relação ao Alencar porque já consegue encontrar outra solução para o romance entre Lúcia e Paulo. Em Lucíola, Alencar escolhe matar Lúcia, pois era impossível um casamento entre um garoto da elite com uma prostituta. Já Afrânio

Peixoto encontra a possibilidade de um segundo casamento, a Lúcia de A esfinge não é propriamente uma prostituta, mas está num limite muito próximo disso, segundo a cena do último baile; mas mesmo que não houvesse nenhuma indicação para a prostituição, ela é uma mulher divorciada em 1911 o que não lhe dá nenhuma dignidade social, Peixoto resolve mas não desenvolve o tema, eles casam, mas suas situação após o casamento não é descrita pelo romance, não sabemos se os clientes de Paulo não o deixarão por ele viver em situação irregular segundo os preceitos católicos, se ele conseguirá sustentá-los assim, todas essas questões ficam para o depois que o romance acabou.

Lúcia é claramente preterida no enredo, ela aparece quase como acessório da narrativa, sua psicologia não é totalmente desenvolvida e ela não se constrói como uma personagem redonda segundo a nomenclatura de Forster. Ela é descrita a partir das impressões que Paulo tem, suas opiniões quase nunca são expressas já que ela e Paulo conversam pouco, ele a julga como uma traidora. Todavia ao leitor essa posição não fica evidente, pois os diálogos entre eles não são revelados e os pensamentos de Lúcia também não, temos só o pensamento de Paulo que diz que nunca poria seu amor em palavras para não corrompê-lo; partindo disso podemos acreditar que Lúcia nem mesmo tinha conhecimento das intenções de casamento de Paulo e aceitou o pedido de casamento de Câmara porque gostava dele. Esta seria a Lúcia inocente; mas podemos ler de maneira totalmente plausível uma Lúcia calculista que realmente pensava em lucrar com um casamento e por isso se casou com Câmara que parecia promissor, mas quando essa aparência se mostrou falsa, ela o abandonou voltando ao Rio de Janeiro e ficando com Paulo, que também parecia promissor nesse momento, já que está fazendo uma grande exposição e além disso está disposto a casar com ela, mesmo ela já tendo sido casada. Estas duas versões de Lúcia podem perfeitamente se enquadrar, dependendo dos sentidos que o leitor atribuir às atitudes desse personagem, ao leitor mais ingênuo fica a calculista que abandonou o protagonista porque este não tem condições de manter seu padrão de vida, mas ao leitor mais atento as intenções dela podem ser questionadas, visto que só temos suas ações. Paulo não tem família no Rio e seus amigos não emitem opinião a respeito de Lúcia visto que o protagonista nega seu interesse por Lúcia durante quase todo romance. Então não sabemos outras opiniões sobre Lúcia, salvo alguns pequenos comentários no

salão de festas onde Paulo descobre a infelicidade de Lúcia no casamento e sua impossibilidade de viver longe das festas da corte.

Paulo é completamente construído, mostrado de uma forma redonda, isto é, mostrado em todos os aspectos de sua vida: emocional, familiar, círculo de amizades e o trabalho. Ele é um personagem sem mistérios, representa a parte totalmente definida desse enredo, é mostrado em todos seus pensamentos e suas atitudes são detalhadamente explicadas. Após sua decepção com o comportamento de Lúcia, fica perdido, pois sua leitura daquela sociedade e daquela mulher se mostrou ineficiente, ele não viverá um fácil romance com Lúcia, por isso ele volta ao interior e revê seu passado, sua namorada de infância, relembra seus pais que já estão mortos e visita seu irmão: Pedro, totalmente diferente dele. Pedro é prático, é o homem da sociedade que está despontando apesar de estar isolado no interior; Pedro é casado e trabalha para sustentar sua mulher e seus filhos, tem um pensamento pragmático, por isso não se prende às velhas fazendas de seus pais. Em contraste com Pedro, Paulo se define ainda mais, mostrando o quanto é romântico seu pensamento.

Em seu retorno ao Rio de Janeiro, Paulo continua perturbado pela presença de Lúcia, que através de diversos comentários já voltou à sua vida apesar de estar distante, assim Paulo concebe *A paixão*, obra elogiada por todos seus amigos que ficam confiantes que aquela será a obra que trará o reconhecimento artístico a que Paulo tem direito. Paulo não demonstra a mentalidade prática em nenhum momento, nem mesmo para montar sua exposição, ele não pensa em uma maneira de ganhar seu sustento, se é que é possível se sustentar com a arte escultural, e ainda vive das rendas que seus pais lhe deixaram, mas estas estão acabando, por isso ele precisa arranjar uma forma de ganhar dinheiro. Sem Lúcia, Paulo pode viver no atelier e continuar centrando-se na sua arte, mas ao optar pelo casamento precisa sustentar uma casa, sendo assim, se vende à arte menor: faz bustos e retratos de encomenda, perdendo todo tempo de dedicação à sua arte. No fechamento do romance, Paulo está trabalhando dessa maneira, mas até quando um homem casado com uma mulher separada será aceito na alta sociedade, única classe capaz de pagar seus serviços. Essa problemática é também deixada para depois, desta forma o livro levanta muitas polêmicas, mas não é capaz de lidar com elas.



Vemos então o movimento social de Paulo que deixa de fazer parte de uma burguesia rural, que vive das rendas do campo, já tão descrita em romances brasileiros anteriores para integrar uma nova classe, a dos pequenos trabalhadores, claro que neste caso, pequeno trabalhador com algum prestígio de artista. Quase vinte anos antes da crise cafeeira, Afrânio Peixoto descreve a migração do mundo rural para o mundo urbano; do mundo clássico para o mundo prático; antes das grandes guerras, já fala da vitória do modo americano de vida sobre o europeu como se instalou no Brasil, sentido principalmente nas antigas colônias. Comparemos nosso herói com Augusto de A Moreninha; este é estudante, seu pai o sustenta com os ganhos da fazenda e ele passa mais tempo reunido com os amigos do que estudando efetivamente, desta forma o herói não tem um envolvimento direto com o mundo prático no ambiente onde vive assim como seus amigos, já Paulo não tem mais seus pais, seus bens estão se acabando, ele dissipou suas economias investindo no estudo das artes plásticas e está com um problema prático além do amoroso. Os romances de Macedinho bem como seus contemporâneos privilegiam totalmente o envolvimento romântico de seus personagens quase que os recortando da vida real, assim como Alencar em seus romances urbanos, isso que Lucíola, por exemplo, é só cinquenta anos anterior a A esfinge. Por isso, o romance pode ser visto como visionário, adianta a mudança que acontecerá socialmente com grande força logo a seguir.

Paulo era pertencente à antiga oligarquia rural, sendo assim ele e seu irmão viveram a infância na fazenda e de lá tiraram o sustento para se lançaram na vida urbana. Pedro faz essa transição com facilidade e sem sentimentalismo, já Paulo sofre essa transformação já que seu espírito está bem mais ligado às coisas do passado, como a honra, a grandeza e a sofisticação. Paulo estuda arte na França, assim se torna representante do modo de vida clássico e ao chegar ao Brasil entra em conflito, pois aqui o modo americano já se mostra no núcleo social que ele, de certa maneira, irá participar. Isso é mostrado na atitude do pai de Lúcia que alerta Paulo sobre a necessidade do trabalho. Também é mostrado na atitude de seus amigos que lhe impõe uma exposição quando ele nem se sente pronto para expor. Assim ele se depara com um enigma: dedicar-se às autênticas artes e viver excluído do meio social onde era necessário muito dinheiro e pompa para ser reconhecido, ou colocar a arte a serviço de interesses pecuniários e se manter neste círculo social. Paulo não consegue uma resposta fácil para a questão e por fim se rende com pesar a arte menor.



Desta maneira temos configurado um herói segundo Lukács, onde ele e a sociedade em que está inserido têm diferenças tão grandes que são irreconciliáveis, por isso acontece o conflito. Paulo vive pela 'arte pela arte' e a sociedade exige produção, resultado e economia de tempo. Segundo Lukács:

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazio de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento. (LUKÁCS, 2000, p.82).

Contudo Paulo tem o conflito dentro de si mesmo, pois a sua própria subjetividade está cindida entre a arte e o casamento embora ele não perceba que são coisas inconciliáveis, o narrador deixa claro ao concluir a narrativa que Paulo ao escolher o casamento abandonou para sempre a grande arte, por isso a luta desse protagonista é entre ele e a sociedade, mas também dele contra ele mesmo; seu amor contra sua realização profissional, conflito muito moderno para essa data. A relação de Paulo com sua profissão também é bastante inovadora para os romances brasileiros, é difícil vermos artistas retratados, apesar de vermos escritores, principalmente em memórias, estes normalmente têm uma relação com o jornalismo que nem sempre é vista com o amargor com que o narrador vê a arte de encomenda a qual Paulo se submete; então esse protagonista nos mostra uma relação afetiva com o trabalho que exerce quando não está casado e quanto o fato de estar sozinho interfere na sua criação num momento onde era quase que inquestionável a necessidade do casamento pelo menos para fins sociais. Paulo tem de escolher, e opta por casar em detrimento de seu trabalho que, segundo o narrador, não mais o satisfaz o que é totalmente procedente visto que ele é, desde criança, um ser muito romântico, por isso seu interesse pela arte não está, a princípio, focado nos resultados que isso pode trazer, mas no prazer que isso dá enquanto processo de criação lento e delicadamente construído. Assim fica evidente que ele vive num momento onde gerar o sustento não é primordial, pois a fazenda ainda capaz de supri-lo.

Ao chegar ao Brasil, Paulo está mais interessado em estar com Lúcia do que em instalar seu atelier, sendo assim, não lembra de montá-lo até que o pai de Lúcia mostra que sem um modo de sobrevivência ele não poderá ter Lúcia, desta forma ele deixa Petrópolis,

mas não pode se concentrar no trabalho, é impossível compor uma obra com o pensamento voltado somente à Lúcia. Ao se afastar dela, ela aceita a proposta de casamento de Câmara, então ele perde totalmente a concentração e decide descansar no interior onde todos com quem ele se relaciona, o irmão, a cunhada, a ex-namorada e os amigos de infância pensam que a vida dele é muito fácil, como de fato é, mas ele discorda dessa opinião. Ele é um boa-vida que desde que chegou da Europa só freqüentou festas em Petrópolis, contudo ele pensa que seu trabalho é muito complexo e como não está dando os resultados que ele espera, o artista está extenuado. Desta maneira o texto mostra um contraponto entre o mundo prático e o mundo do artista. Chegando ao Rio o artista começa sua produção, agora as criações rendem, Paulo está totalmente envolvido em sua arte e se dedica totalmente a ela, mas ainda assim não é o suficiente, as obras não estão prontas até a data da exposição: o ritmo do mundo da produção não respeita mais o ritmo da criação artística e as obras acabam sendo expostas inacabadas mesmo; todavia isso não terá conseqüências futuras, tendo em vista que Paulo abandonará sua obra e se renderá a produção medíocre que o sustentará.

O tema da produção do sustento é novo no romance urbano brasileiro, até então nossos mocinhos eram estudantes sustentados pelos pais, ricos fazendeiros, sendo que aqueles no momento de amadurecer voltariam ao interior para substituir seus pais na fazenda ou trabalhariam na cidade como médicos ou advogados, mas estas possibilidades estavam num futuro não alcançado nem descrito pelo romance. Por isso, *A esfinge* é um romance que marca uma diferenciação no romance urbano brasileiro que será vastamente problematizada posteriormente: a necessidade de ganhar dinheiro a fim de satisfazer as necessidades familiares; como acontecerá nos romances de 30, em especial em *Os Ratos*. Nos romances anteriores, mesmo nos romances de Machado, por exemplo, *Quincas Borba*, onde há uma forte presença do dinheiro, não há essa relação de causa e conseqüência com o trabalho como temos em *A esfinge*, portanto o livro aponta para uma mudança social que já se faz presente no início do século XX, mas ainda não foi mostrada pela nossa literatura. Pena que Peixoto apenas lance o tema sem se deter muito nele, apesar de mostrá-lo com bastante evidência no texto.

Mesmo assim podemos dizer que o livro representa a realidade de uma forma mais fidedigna que até então, pois acrescenta um aspecto da vida humana: o trabalho, que ocupa

grande parte da vida do homem moderno e estava de fora de nossa ficção, contudo não de forma direta e enfadonha, mas envolvido na trama e na subjetividade do protagonista; o trabalho não é só um modo de ganhar dinheiro como é para Seixas em Senhora, mas uma forma de exprimir sua subjetividade; é parte da personalidade de Paulo ser escultor e para ele é difícil transformar essa parte de sua personalidade a fim de lucrar com ela, ou seja a transformação social se dá na sociedade brasileira e no âmago do próprio personagem que se vê obrigado a modificar-se a fim de se engajar no novo modelo de processo produtivo. O trabalho a partir desse momento se torna uma das facetas do personagem, que não mais é obrigado a fazer direito ou medicina a mando dos pais que ainda os sustentam, ou trabalhar num cargo público qualquer a fim de não ficar desocupado, mas de uma ocupação escolhida pelo personagem e que historicamente daqui para frente vai dizer muito a respeito do sujeito.

Por isso, creio que *A esfinge* seja um exemplar do início do autêntico romance urbano brasileiro. Até então tínhamos romances franceses reambientalizados no Brasil, mas que não tocavam na essência do gênero romanesco que é a formação da burguesia e de seus novos valores, já que no Brasil ela ainda era muito pequena. Sendo assim, esse romance fala do nascimento de alguns valores da burguesia brasileira ainda bastante ligada a aristocracia rural que está aos poucos se desvinculando do campo. Mostrando a partir da escolha profissional do protagonista a divisão do trabalho que acontecerá na sociedade moderna, urbana e especializada.

A modificação dos valores sociais é mostrada principalmente através da separação que acontece entre o Câmara e Lúcia e o segundo casamento que acontecerá não por acaso numa Igreja Metodista, dissidência da igreja Anglicana criada na Inglaterra e grandemente difundida nos EUA, desta forma fica evidente uma influência um pouco maior das igrejas protestantes, desenvolvidas nos EUA em detrimento da Igreja Católica, ligada principalmente a Europa Latina e totalmente preponderante no Brasil. São os novos valores chegando abrindo possibilidade até mesmo de um segundo casamento, coisa inconcebível no Brasil de vinte anos antes da escritura desse texto, totalmente dominado pela igreja católica e tido como estado católico até a constituição de 1891. Embora saibamos que essa atitude não é totalmente aceita pela sociedade, afinal o divórcio só será

legalizado no Brasil em 1970, sessenta e nove anos depois da escritura desse romance, e até lá ainda teremos muito preconceito para com a mulheres divorciadas.

O modo de vida que se mostra vencedor com o final inconclusivo do romance é o americano, mais moderno e flexível no que é de ordem emocional e mais rigoroso no que é da ordem do trabalho. Paulo e Lúcia se integram de alguma forma através dessa nova ordem, e nisso o romance é ainda conservador, apesar das peripécias e do Deus ex-machina; representado por essa possibilidade de um novo casamento numa igreja metodista, afinal quem não era católico nessa sociedade; o final é o previsto, não exatamente, pois apesar de o protagonista conseguir tudo o que desejava a princípio, o narrador tenta mostrar a insatisfação do protagonista.

-Está você satisfeito?

Respondeu desatento, com o olhar comprido, a errar por todas aquelas aspirações que não viveriam da forma desejada.

-Sim...

Pretendia dissimular, mais ainda não sabe mentir. E foi para isso que ele sofreu tanto... (PEIXOTO, 1978, p.198)

Na opinião do narrador o protagonista está insatisfeito, contudo o próprio protagonista afirma estar satisfeito, temos outro enigma: há satisfação na vida burguesa média, ou todas as conquistas que esta classe de indivíduos almeja não passam de ilusão de felicidade e satisfação.

Por fim, o romance, apesar de alguns problemas estilísticos, perdoáveis por se tratar da primeira obra desse fôlego empreendida pelo autor, tem grandes qualidades enquanto representação da realidade que se conforma no Brasil do início do século XX. Ele mostra o envolvimento do homem com sua profissão e a possibilidade de uma realização profissional independente da formação de uma família, e a frustração que a vida pequeno-burguesa centrada no trabalho medíocre pode levar; mostrando ainda assim que também é impossível ter a satisfação apenas com a realização profissional como ocorre com Paulo quando Lúcia o abandona. Desta forma o livro traz a consciência de que só no equilíbrio entre as atividades pode-se encontrar alguma satisfação, embora isso nem sempre seja possível como é o caso de nosso protagonista. Além disso, no amor ele também não pode encontrar a satisfação, pois o que lhe fascina é a paixão, coisa que se termina com o tempo

caso seja realizada. Temos assim o impasse social entre casamento e trabalho e também o impasse emocional entre paixão e casamento, impasses resolvidos pelo narrador de forma muito pessimista, mostrando a impossibilidade de satisfação em qualquer das escolhas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. São Paulo: Duas cidades, 2000.

PEIXOTO, Afrânio. *A esfinge*. São Paulo: Clube do Livro, 1978.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.